



RUA QUE TE QUERO CRIANÇA (*)

- Texto para reflexão e instrumento de trabalho -

"Bandido de 15 anos caçado e morto como bicho de rua."

Esta era a manchete, em letras enormes, do jornal "O Povo", do dia 14 de junho de 1990, dia santificado, comemorativo do "Corpus Christi".

Li essa manchete, de dentro de um ônibus, em uma banca de jornais do centro de Belo Horizonte, quando me dirigia ao CRHJP para participar de um seminário sobre "os meninos de rua". Eu seria um dos palestrantes e o tema central da discussão era: "O menino de rua: porque é um problema?" Em minha cabeça misturavam-se: a manchete do jornal e as idéias que eram expostas pelos participantes.

Quando foi a minha vez de falar, esqueci o que havia preparado e apresentei as reflexões que se seguem:

- Por que as crianças, sempre vítimas, podem e são tratadas como "problema" por viverem nas ruas?
- Por que essas crianças de-e-na rua nos incomodam e nos ameaçam tanto?
- Por que um jovem de 15 anos pode se tornar um "bicho de rua", como afirma esse jornal?
- Por que? Por que?

A rua e a casa são duas faces de uma mesma moeda. Se completam, mas se negam; interagem, mas se repelem; se misturam, mas se detestam. Por que?

A casa, ou o lar (como também é conhecida) é o lugar da vida, do sossego, da harmonia, da paz, enquanto a rua é o lugar da luta, da batalha, da peleja, do trabalho. Ninguém diz "vamos à luta", ao dirigir-se para casa, mas quando sai às ruas.

A casa é onde vive o conhecido, é o lugar onde até os animais tem nome. a rua é o mundo do desconhecido, do "cada um por si", do estranho. Ali não tem animais, só bichos e, em geral "vira-latas".

A casa representa o que há de positivo na sociedade, enquanto a rua é o lado negativo. É por isso que a "mulher de casa" é sempre "dona de casa"; a "mulher da rua", por sua vez, é o outro nome que se dá a "prostituta" ou a "mendiga".

Em casa só existe "criança", na rua é que tem "menor", essa generalização preconceituosa e discriminatória que, não satisfeita com seu significado excludente, gerou outras palavras e designações piores: "trombadinha", "pivete", "marginalzinho"... "bicho de rua".

Assim, esses dois espaços físicos, sociais e simbólicos - a casa e a rua - justapostos, complementares, coerentes e com papéis sociais bem definidos, ante nossos conceitos e preconceitos, de repente, se desestruturam diante de algo ameaçador: "o(a) menino(a) de rua". Por que? Por que?

O menino de rua destrói, apenas com sua presença física, a nossa lógica e nossa racionalidade fundamentadas nessa dicotomia "casa-rua". De repente, uma criança, resultante de uma sociedade opressora, injusta e excludente, torna-se um símbolo ameaçador e joga por terra "verdades" incontestáveis. Por que? Por que?

Por que o menino e a menina de rua fazem e vivem na rua o que a nossa lógica insiste em fazer e só admite viver em casa. Por que? Por que?

Porque, na rua, essa criança:

- come sem pagar pela comida;
- brinca onde não foi feito para brincar;

- joga num lugar que não foi feito para se divertir, mas construído para caminhar e trabalhar;
- dorme sem ter cama;
- toma banho sem ter chuveiro;
- mora sem ter casa;
- anda pendurado em ônibus, em vez de sentado;
- corre entre os carros e não dentro deles;
- por fim, vive onde não se deve (ou pode) viver (como pensa e determina nossa cultura).

Por isso essa criança é uma ameaça. Ela mostra o quanto está na rua a nossa sociedade. Ela expõe as contradições da nossa sociedade moderna, ocidental, branca, capitalista, cristã, individualista e excludente. E é isso o que nos incomoda tanto, a ponto dessas crianças serem tratadas, quase sempre, como "moléstia social", um câncer a ser extirpado.

O remédio tem sido, além da solução extrema do extermínio, tirar as crianças da rua para não nos incomodar com sua presença, ou para não prejudicar a estética social-e-urbana de nossas cidades com sua presença indesejável, seu cheiro amargo e, principalmente, com sua teimosia em fazer das ruas, casa.

Sacar os meninos da rua não basta nem resolve nada, pois esta não é a solução para essas crianças, pois isto tem sido feito ao longo da história, não pensando nelas (crianças), mas para livrar a cara da sociedade da falência do seu modelo de justiça social.

Enquanto não formos capazes de mergulhar fundo nas nossas contradições, como única condição para enfrentá-las e revertê-las; enquanto não transformarmos essa "cultura de rua" e não exorcizarmos essa visão ideologizada e preconceituosa sobre os "meninos de rua", não estaremos nem arranhando a superfície deste problema, por melhor que sejam nossas intenções e ações.

O "menino de rua" não é um problema, antes ele é solução, porque ele é parte da solução, assim como a rua é também parte da solução. Se não mudarmos a rua, se não superarmos a dicotomia casa-rua como opostos entre si, se não humanizarmos as ruas, se não as transformarmos em espaços de solidariedade humana, as crianças também não mudarão.

Nossa miopia cultural ou nosso medo de realizar o não-feito ainda, estes sim, são os verdadeiros problemas. Por isso, que falem, que vivam e que sejam as crianças, todas, sem distinção alguma, cidadãs e sujeitos de direitos da rua, da casa, da escola, das praças, das cidades... do mundo!

Tião Rocha
Presidente/CPCD

() Este artigo foi elaborado a partir de uma exposição oral feita no Seminário "Niños de la Calle", promovido pela Fundação W. K. Kellogg, envolvendo técnicos especialistas e educadores da América Latina, realizado em Belo Horizonte (MG), nos dias 14 e 15 de junho de 1990.*